

Editorial

Numerosos obituários foram, levemente, redigidos para o Jornalismo. Os críticos, usualmente histéricos e saudosistas, tocaram a sétima trombeta do apocalipse informacional negligenciando o óbvio; aquilo que a jornalista americana Mary Kissel, integrante do Conselho Editorial do *The Wall Street Journal*, escreveu em 2013 para o *The Guardian*: “*The decline of print doesn't mean the end of journalism*”. Linguagem e suporte material são, é certo, instâncias amalgamadas, mas diferentes. Se o impresso perece, ação correlata, necessariamente, não acontece com a notícia. E mesmo o papel dá sinais de resistência: a ontológica revista semanal americana Newsweek, que em 2013 tinha migrado por completo ao digital, voltou a ser vendida em 2014 também na versão impressa.

De maneira que discutir o jornalismo na atualidade não é convocar Extrema União, fazer a autópsia do cadáver, falar de algo acabado – ou que está por acabar; é, ao contrário, debater uma linguagem viva, contraditória, complexa e plural, capaz de desafiar os piores prognósticos, reinventando-se *mutatis mutandis*. Por isto mesmo, pareceu-nos oportuno veicular, neste número, os seis textos que integram o dossiê temático dedicado a problematizar, precisamente, o binômio Produtos Jornalísticos & Contemporaneidade. O foco não foi, como se poderia pensar, o jornalismo digital; deu-se espaço para o impresso, a revista, o jornal diário, ou para tudo aquilo rubricado, hoje, como “jornalismo”, expressões na web contempladas. Pois é este o conjunto do qual se constitui a atividade jornalística dos nossos dias.

O primeiro artigo é assinado pela jornalista, escritora e crítica literária Vera Helena Saad Rossi. Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, Vera analisa textos recentes do “Estadão” e “Folha de São Paulo”, veiculados em 2014 e 2015, para questionar a construção da objetividade na narrativa da imprensa. Tal discussão, ao contrário do senso comum, encontra-se longe de esgotar-se e aponta para a necessidade de reavaliar com seriedade as normas de redação jornalística. A versão digital da “Carta Capital” é o corpus de Fernanda Cavassana de Carvalho, mestranda no programa de pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná. A autora investiga os comentários dos internautas da citada publicação a respeito de editorial em apoio aberto a Dilma Rousseff. Vivian Paixão, mestranda na Cásper Líbero, compara as coberturas das revistas semanais “Carta Capital” e “Veja” sobre a morte do então candidato à presidência Eduardo Campos, usando metodologia de orientação semiótica. Seguimos com Mário Helder de Sousa Alves Filho, mestrando na UFC; Mário desconstrói a cobertura da “Folha de São Paulo” a respeito da proposta de plebiscito para a Reforma Política, em 2013, destacando certa visibilidade aparentemente deliberada do senador Aécio Neves (PSDB-MG). Juliana Arini, mestre em Comunicação pela Cásper Líbero, desenvolve um artigo de fôlego cronológico: a autora avalia 25 reportagens publicadas nas revistas impressas semanais informativas – Veja, IstoÉ, Carta Capital e Época – no período de 1989 a 2013, reportagens estas que abordaram a construção da hidrelétrica de Belo Monte; o objetivo de Juliana Arini foi o de entender a reportagem como forma de narrativa. Por fim, outra Juliana, sobrenome de Amorim Rosas, mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná, nos conta a desconhecida história dos ombudsmans do jornal “Correio da Paraíba”, contrastando-a com as experiências ainda em voga no Brasil: “Folha de São Paulo” e “O Povo”, únicos jornais a manter a função do representante do leitor em nosso país.

Trazemos ainda um mini dossiê sobre as chamadas “Manifestações de 2013”, composto por três artigos. No primeiro deles, Ana Cristina Consalter Amôr, mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática da UNESP, apresenta breve histórico e algumas perspectivas acerca do evento, apontando seus possíveis motivos, intenções, legitimidade,

legalidade, características e, ainda, sua relação com a liberdade de expressão. O segundo texto tem assinatura de André Bontempo, mestrando na Casper Líbero. Bontempo enxerga as citadas manifestações com os olhos da “Escalada da Abstração” do filósofo tcheco-brasileiro Vilém Flusser, problematizando desde o processo de organização e convite aos atos públicos por intermediação da rede social digital Facebook, até a concretização desses atos com a presença dos cidadãos que se manifestaram nas ruas. O artigo derradeiro é escrito por Eliana Natividade Carlos, também mestre na Casper, que acusa as “Jornadas de Junho” de certa espetacularização. Eliana, não poderia ser diferente, convoca Guy Debord para revelar um momento de revolta popular esvaziado pela substituição, entre os manifestantes, das reivindicações profundas pelos *slogans* de efeito, mais próximos à publicidade ou à aparência que à crítica social.

Na seção temas livres, Priscila Monteiro Borges, docente no recém-inaugurado mestrado em Comunicação da UFOP, expõe dados originais de uma pesquisa corajosa que aprofunda as discussões orientadas pela semiótica peirceana, sugerindo trabalhar com o arsenal heurístico de 66 classes de signos ao invés de 10, como é comum na Área de Comunicação no Brasil e no mundo. Anelise Angeli De Carli, Mestranda do PPGCOM/UFRGS, realiza uma original leitura mítica das fotorreportagens vencedoras do Prêmio Pulitzer nos anos de 2011 e 2012. “Midiatização da política argentina”, último artigo desta edição, escrito pelo mestrando da Universidade Federal do Paraná Eduardo Covalesky Dias, avalia o processo de midiatização da política através dos programas “678”, veiculado pela TV Pública, e “Periodismo Para Todos”, veiculado por El Trece, do Grupo Clarín.

Na seção “Ensaaios Fotográficos”, trazemos dez imagens de Guilherme Burgos, mestrando na quinta escola de cinema mais antiga do mundo, a renomada *Filmová a televizní fakulta Akademie múzických umění v Praze* (FAMU), localizada em Praga, República Tcheca. Acompanham as imagens breve texto do professor Marek Jicha, Diretor do Departamento de Cinematografia da mencionada escola.

Sem mais, desejamos a todos uma excelente leitura.

Marcelo Santos (Editor Científico e de ambientes digitais)
José Eugenio de Oliveira Menezes (Editor de materiais sonoros)
Simonetta Persichetti (Editora de materiais visuais e audiovisuais)